

## 1 - Introdução

Neste ensaio<sup>1</sup>, pretendo reexaminar a noção de pos vêrbio, inicialmente desenvolvida por Nascentes (1967), à luz de novos parâmetros lingüísticos. Desse modo, vou-mé apoiar no conceito de transitividade, conforme entendido por Kopper e Thompson (1980), nos subsídios teóricos fornecidos pela teoria da prototipicidade, ad vogada por Givón (1984), dentre outros, e, principalmente, no princípio da iconicidade, formulado por Haiman (1983).

Como se sabe, em O problema da regência, Nascentes assim conceitua posvêrbio:

*Aparece às vezes depois de certos verbos uma preposição que lhes modifica o sentido e não rege de fato a palavra que serve de objeto a esses verbos.*

*Esta preposição corresponde a um verdadeiro morfema.*

*Não podendo tal morfema receber o nome de sufixo, pois não faz corpo com o verbo, à semelhança do prevêrbio, pode dar-se-lhe o nome de posvêrbio.*

*Ex: arrancar e arrancar de. É transitivo direto num e noutro caso. O posvêrbio de lhes trouxe a significação de uso do objeto arrancado.<sup>2</sup>*

(Op.cit., p.17)

Aqui, neste trabalho, vou usar o termo posvérbio num sentido amplo, aplicando-se não somente aos casos estudados por Nascentes, mas também a outros não mencionados por ele, em que uma preposição pode-se inserir entre o verbo e seu complemento, ocasionando com isso uma interpretação semântica diferente, em alguns aspectos, daquela em que o objeto se liga diretamente ao verbo.

Tendo em vista os pressupostos teóricos em que vou-me basear, não adotarei a posição de que o verbo é "*transitivo direto num e noutro caso*". Interessa-me, sobretudo, analisar e contrastar as sentenças com e sem posvérbio e investigar como se situa cada uma delas numa escala de transitividade concebida nos moldes de Hopper e Thompson, acima referidos.

A seguir, é meu objetivo captar e explicitar os princípios gerais, referentes à relação sintaxe/semântica, subjacentes à configuração dessas estruturas.

No que concerne ao conceito de transitividade, tal como defendido pelos lingüistas mencionados, num trabalho anterior (Cf. Saraiva, 1990) tive já a oportunidade de entrar em detalhes sobre a teoria desenvolvida no clássico artigo "Transitivity in grammar and discourse". Para a presente discussão, vou apenas resumir alguns aspectos mais diretamente relacionados com o tópico aqui tratado. Assim, um ponto a ser destacado refere-se ao fato de que Hopper e Thompson consideram a transitividade como uma propriedade geral da oração como um todo. Desse modo, levantam 10 traços, alguns referentes ao sujeito, outros ao verbo e outros, ainda, ao complemento, que caracterizariam o que denominam de sentença transitiva típica. À medida em que certas estruturas deixassem de apresentar algum(s) desse traços, iriam sendo alocadas em pontos diferentes de uma escala, de tal modo que se torna possível conceber sentenças mais ou menos transitivas.

O quadro abaixo sintetiza o conjunto das características em que se apoiaram os referidos gramáticos<sup>3</sup>:

	<u>Oração mais transitiva</u>	<u>menos transitiva</u>
a) "chinese"	ação	não-ação
b) aspecto	perfectivo	não-perfectivo
c) pontualidade	pontual	não-pontual
d) afirmação	afirmativa	negativa
e) modalidade	"realis"	"irrealis"
f) participante	2 ou mais partici- pantes	1 participante
g) agentividade	mais agente	menos agente
h) volição	mais volitivo	menos volitivo
i) afetação do objeto	objeto totalmente afetado	objeto não afetado
j) individuação do objeto	objeto mais indivi- dualizado	objeto não indi- dualizado

Através desse quadro, portanto, verifica-se que, numa sentença transitiva canônica, a ação é "transferida" de um agente típico (isto é, "um iniciador/controlador consciente da ação, marcado com o traço [+ volitivo]"<sup>4</sup>) a um paciente típico (participante que se caracteriza por representar um ser bem individuado - tanto com relação ao sujeito quanto com relação à sua própria classe - e totalmente afetado pela ação).

É necessário que se tenha em mente esse conjunto de propriedades, principalmente as que concernem ao objeto, para que se possam avaliar adequadamente, mais à frente, as orações com posvérbio.

Por fim, parece ser conveniente, ainda, sintetizar alguns pontos referentes à teoria da prototipicidade, para que se possa compreender devidamente a proposta de Hopper e Thompson, acima esboçada, assim como as hipóteses que serão levantadas na 3<sup>a</sup> seção, com referência às estruturas aqui focalizadas.

Givón (1984), em seu livro Syntax - Afuncional -

a necessidade (defendida também em outros trabalhos seus) de se buscar uma descrição explícita, sistemática e compreensiva da "sintaxe, semântica e pragmática como um todo unificado."

É no primeiro capítulo, todavia, que expõe explicitamente a sua concepção de uma abordagem prototípica dos fatos lingüísticos. Inicia a sua argumentação relembrando que Chomsky, no artigo de 1961 - "On the notion 'rule of grammar'" - , definiu gramática, e língua, como um mecanismo puramente formal cujas categorias são claras e discretas, e cujas regras, à semelhança das "leis" da física, são possíveis de serem determinadas dedutivamente e sem exceção<sup>5</sup>.

Porém, contrariando essas expectativas, Givón destaca que, ao se investigar dados reais, colhidos da língua em uso, descobre-se que

*tanto as categorias semântico - gramaticais quanto as "regras da gramática" exibem uma categorização apenas parcial: as categorias se adaptam às suas definições básicas na maioria dos casos, e as regras obedecem às suas descrições estritas na maioria das vezes. Mas fica sempre de fora dessas categorias/regras estritamente definidas um conjunto de "messy residue".<sup>6</sup>*

Buscando, então, uma maneira mais realista de "lidar" com os dados lingüísticos é que Givón propõe uma abordagem prototípica. Segundo sua maneira de ver, esta é uma solução híbrida, na medida em que admite a existência de um contínuo entre categorias diferentes assim como no interior de cada categoria mesma. Além disso, segundo essa perspectiva, as categorias lingüísticas e cognitivas naturais não são definidas em termos de uma única ou poucas propriedades ("suficientes e necessárias"). Ao contrário, as categorias que se distribuem ao longo do contínuo são formadas pela interseção de um conjunto de traços típicos ou característicos, traços esses que tendem a coincidir estatística e